

# ANTROPOCENO E IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO NO CAMPO ARGENTINO

ANTHROPOCENE AND CONTEMPORARY  
IMAGINATION IN THE ARGENTINIAN FIELD

**Raquel Riera**

Mestra em Teoria e História Literária pela Universidade  
Estadual de Campinas.

E-mail: [araquelriera@gmail.com](mailto:araquelriera@gmail.com)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4283-2409>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é propor uma breve análise acerca do imaginário contemporâneo do campo que permeia a obra *Distância de Resgate* (2024), da escritora argentina Samanta Schweblin, no contexto das graves descontinuidades (Haraway, 2015) características do Antropoceno. Com isso, espera-se evidenciar a relação da obra com uma *virada rural* (Saldarriaga-Gutiérrez, 2024) da literatura argentina contemporânea, a qual estabelece diálogos entre ficção e a realidade do colapso ambiental. Para isso, é pertinente delinear, primeiro, a formação do tropo rural na literatura argentina a partir do século XIX, de modo a identificar em que sentido se pode dizer que *Distância de Resgate* se insere nessa virada observada na literatura latino-americana do século XXI. A partir disso, será possível analisar a obra de Schweblin privilegiando os elementos que fazem com que ela se comunique com a coloração verde-desastre de um campo tomado por agrotóxicos, no qual apocalipses individuais e coletivos se concretizam, como a spectralidade do protagonista e a suspensão da realidade típica do gênero fantástico. Por fim, espera-se concluir que obras como a de Schweblin têm grande relevância para a construção de um imaginário acerca da crise climática vivida hoje – no recorte deste artigo, especificamente, no rastro dos agrotóxicos –, na medida em que consegue significar o insignificável: o fato de que os fios de vida se rompem no campo, espaço que já não é um refúgio da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura argentina; Antropoceno; ecocrítica.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to propose a brief analysis of the contemporary imaginary of the countryside that permeates the work *Fever Dream* (2024) by the Argentine writer Samanta Schweblin, in the context of the severe discontinuities (Haraway, 2015) characteristic of the Anthropocene. With this, the article seeks to highlight the relationship between the novel and a rural turn (Saldarriaga-Gutiérrez, 2024) in contemporary Argentine literature, which establishes dialogues between fiction and the reality of environmental collapse. To do so, it is first necessary to outline the formation of the rural trope in Argentine literature from the 19th century onwards, in order to identify how *Fever Dream* fits into this shift observed in 21st-century Latin American literature. From there, it will be possible to analyze Schweblin's work by focusing on the elements that allow it to communicate with the green-disaster hue of a countryside overtaken by pesticides, where individual and collective apocalypses

materialize—such as the spectrality of the protagonist and the suspension of reality typical of the fantastic genre. Finally, the article aims to conclude that works like Schweblin's are highly relevant in shaping an imaginary of today's climate crisis—specifically, in this article's scope, the aftermath of pesticide use—inasmuch as they succeed in signifying the unsignifiable: the fact that the threads of life are breaking in the countryside, a space that is no longer a refuge from the city.

**KEYWORDS:** argentinian literature; Anthropocene; ecocritics.

## 1 Introdução

*Distância de Resgate* é uma narrativa polifônica construída em torno de um diálogo entre David, uma criança perturbadora, e Amanda, uma mulher em férias em um vilarejo rural com sua filha pequena, Nina. David é um sobrevivente de uma contaminação por agrotóxicos aparentemente graças a um processo sobrenatural denominado transmigração de almas, performado pela “mulher da casa verde”, a curandeira do vilarejo, o qual consiste em dividir uma alma entre dois corpos para tentar frear o efeito da contaminação: “se transferissem a tempo o espírito de David para outro corpo, então uma parte da intoxicação também iria com ele. Dividida em dois corpos, haveria chances de vencê-la” (Schweblin, 2024, p. 27). O menino busca guiar Amanda, recém-contaminada, para que chegue ao “ponto exato em que nascem os vermes”, isto é, ao preciso momento em que ela e Nina foram intoxicadas em seus dias de veraneio.

Depois da troca de almas, a mãe de David, Carla, relata que seu filho teria recebido em seu corpo o fantasma de algo mais sombrio, com

uma aguda consciência sobre a intoxicação colateral que atingia toda a vila a partir da fumigação extensiva das monoculturas de soja que a envolvem. Por isso, ele passa todo o tempo com Amanda tentando traçar a *cadeia de responsabilidades* (De Leone, 2017) que gera contaminações – não só dos protagonistas, mas de adultos e crianças que vagam espectralmente pelo vilarejo, percorrendo diariamente o caminho até o hospital em busca de tratamento: “são crianças estranhas. [...] Crianças deformadas. Não têm cílios, nem sobrancelhas, a pele é avermelhada, muito avermelhada, cheia de escamas” (Schweblin, 2024, p. 80). O esforço de encontrar “o ponto exato onde nascem os vermes” se dá, então, justamente no sentido de identificar o caminho percorrido pelos químicos nos campos e o momento em que sua manutenção segura falha, afetando os corpos daqueles que convivem diariamente com eles. A figura de David torna-se, nesse sentido, ambígua a partir de um amálgama entre o adoecimento observado fisicamente e as mudanças psicológicas sofridas: ele é, ao mesmo tempo, uma figura monstruosa e zelosa, que busca fazer conhecer verdade secreta do campo.

Analisar o campo como tropo literário requer entender o que ele carrega como símbolo. Em termos gerais, o pastoral “definitivamente moldou nossas construções da natureza. [...] Nenhum outro tropo é tão

profundamente arraigado na cultura Ocidental”<sup>1</sup> (Garrard, 2012, p. 37), uma vez que suas primeiras figurações no imaginário literário dessa cultura podem ser identificadas em tempos tão antigos quanto o período helenístico – momento em que expressões como *idílico* e *bucólico* se afastam de seus significados originais ligados ao trabalho braçal e passam a ser representativas de um certo deslocamento da urbe em direção ao rural ligado ao repouso e à simplicidade. Espaço de interpretações ambivalentes, desde esse período “o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples”, mas também, em muitos casos, a um “lugar de atraso, ignorância e limitação” (Williams, 1990, p. 11).

Consolidado por sua recorrência na tradição literária em acepções que a crítica procurou enquadrar em categorias específicas – como o pastoral clássico, ligado ao campo como espaço de fuga da cidade; ou um pastoral mais abrangente, ligado a qualquer texto literário que se refira ao espaço rural –, o tropo pastoral pode ser entendido como uma paisagem intermediária entre dois outros espaços (Marx apud Garrard, 2012, p. 41). Nessa concepção, o campo atua como lócus situado entre a civilização em sua melhor forma – isto é, a cidade – e a barbárie completa – entendida como a natureza selvagem, inexplorada<sup>2</sup>. Precisamente por ocupar essa posição, o campo está sujeito às influências

<sup>1</sup> No original: “has decisively shaped our constructions of nature. [...] No other trope is so deeply entrenched in Western culture”.

<sup>2</sup> Ainda que não inabitada, uma vez que o tropo pastoral muitas vezes deu vida a narrativas de invasão, genocídio e conquista por europeus – e, mais tarde, estadunidenses, na chamada Marcha para o Oeste no

modernizadoras que se estendem desde os grandes centros urbanos, provendo um lugar para que imaginários de progresso nacionalista e capitalista tenham sido gestados em diferentes países ao longo do século XIX no rastro da primeira Revolução Industrial, e, ao mesmo tempo, “um lócus, legitimado pela tradição, para o sentimento de perda e alienação da natureza a ser produzido pela Revolução Industrial”<sup>3</sup> (Garrard, 2012, p. 44).

As máximas renascentistas *Beatus Ille* e *Locus Amoenus* evocam o papel de elaboração nostálgica há muito associado ao campo – mesmo em momentos na história em que parcelas relevantes das populações mundiais ainda residia nas zonas rurais –, evidenciando seu profundo apelo psicológico ligado a uma vida mais simples e serena em contraste com a desordem urbana. Recorrendo ao que o célebre estudo de Raymond Williams, *O campo e a cidade* (1990), postula sobre esses dois tipos de comunidades humanas em sua relação com a literatura e com formações sociais<sup>4</sup>, Garrard (2012, p. 45) atenta para o fato de que a Revolução Industrial alterou definitivamente a

---

século XIX – de terras antes ocupadas por populações nativas.

<sup>3</sup> No original: “a locus, legitimated by tradition, for the feelings of loss and alienation from nature to be produced by the Industrial Revolution”.

<sup>4</sup> Importa ressaltar que Williams (1990, p. 12) se refere em seu estudo especificamente à sociedade e à literatura inglesas, por considerar que “a experiência inglesa é especialmente significativa, na medida em que uma das transformações decisivas nas relações entre campo e cidade ocorreu na Inglaterra muito cedo, e num grau tão acentuado que, sob certos aspectos, não encontra paralelo”. Ainda assim, muitos dos padrões observados por sua análise também podem ser mobilizados para a pesquisa com literaturas latino-americanas, como

forma como os espaços urbano e rural aparecem na imaginação coletiva. Ainda que o campo tenha sido, como visto, muitas vezes associado a uma imagem de atraso com relação aos avanços da cidade (e, conseqüentemente, como lugar de manutenção de tradições e arcaísmos), essa visão é desmentida pelo fato de que a Revolução Industrial “baseou-se num capitalismo agrário *altamente desenvolvido*, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional” (Williams, 1990, p. 12, grifos adicionados). Nesse sentido, Williams postula que a Revolução Industrial provoca um corte sem precedentes entre ser humano e natureza, promovendo uma separação dolorosa, por definitiva, entre o significado da vida no campo e da vida na cidade. Isso cria “um novo anseio pelo interior”<sup>5</sup> (ibidem) não condizente com o rápido processo de modernização observado na urbe do final do século XIX, o que faz com que o gênero da literatura rural, mais do que em outros momentos, passe a mediar valores que competem drasticamente entre si.

propõe este trabalho, na medida em que os processos de industrialização observados na Inglaterra foram reproduzidos, mesmo que com particularidades, nos países do continente americano. Isso é corroborado pela visão de Beckman (p. 13) de que o “capitalismo não deu à luz apenas a Inglaterra; ao invés disso, ele deu à luz todo um sistema que veio a constituir relações multiescalares entre campos e cidades ao redor do mundo”. (No original: “capitalism did not only give birth to England; it gave birth to an entire system that came to constitute multi-scalar relationships between countrysides and cities the world over.”)

<sup>5</sup> No original: “a new longing for the countryside”.

Em suma, embora as figurações do espaço campestre na literatura tenham se alterado ao longo do tempo, fruto de uma realidade histórica altamente variada relativa às formas como as sociedades subsistem da terra (Williams, 1990, p. 11), é evidente que imaginários rurais recorrentes se referem a um antagonismo entre campo e cidade que localiza, no primeiro, sentimentos bucólicos e nostálgicos relacionados ao que são tidos como tempos mais simples se comparados à vida no ambiente urbano – o que se torna mais acentuado a partir dos processos modernizadores que consolidaram e globalizaram fenômenos como a Revolução Industrial. Especificamente na literatura argentina – para retornar, como é preciso, ao recorte que este trabalho pretende fazer –, muitas vezes, “a ideia do campo, em oposição à cidade, remete a sentidos vinculados à autenticidade das relações entre as pessoas, o trabalho, as tradições e a saúde”<sup>6</sup> (Mosse, 2020, p. 35).

Mencionar o papel de eventos históricos marcantes do ponto de vista do capital e de sua expansão como sistema industrial para todo o mundo a partir dos grandes centros europeus importa na medida em que se pretende, aqui, compreender como a literatura campestre é atravessada por eles

---

<sup>6</sup> No original: “la idea del campo, en oposición a la ciudad, remite a sentidos vinculados a la autenticidad de las relaciones entre las personas, el trabajo, las tradiciones y la salud”.

<sup>7</sup> As referências ao trabalho da professora Ericka Beckman pertencem a um livro no prelo, intitulado *Agrarian Questions: The Latin American Novel on the*

na Argentina do último século. Ericka Beckman (no prelo<sup>7</sup>) corrobora essa visão postulando que perspectivas interpeladas pelo capital são indissociáveis das transformações econômicas, políticas e sociais observadas na região. Isso porque, embora mudanças profundas tenham marcado a América Latina desde o período das invasões e colonizações europeias, é a partir do século XIX, com rápidas industrializações e urbanizações em países como a Argentina, que têm início mudanças dramáticas nos contornos do campo. A partir desse período, “é inegável que transformações-chave ocorreram ao redor do mundo para produzir um planeta composto em grande parte por pessoas que entram em contato com o capital como parte de uma força de trabalho descartável”<sup>8</sup> (Beckman, p. 3) e totalmente proletarizada, fruto de movimentos de êxodo rural acelerados. Essas mudanças profundas são em grande parte registradas pelo *romance agrário* ou *romance rural*, gênero marcado, na América Latina, pela transição do campo para a cidade e pela entrada definitiva de seus países no mercado global como fornecedores de *commodities* e matéria-prima (ibidem, p. 10).

Na Argentina, especificamente, houve um “imperativo material de integrar economias nacionais a mercados globais como produtores

*Road to Capitalism*. A professora me concedeu acesso aos primeiros capítulos do livro e gentilmente permitiu que eu os citasse aqui.

<sup>8</sup> No original: “it is undeniable that key transformations have taken place over the world to produce a planet largely composed of people who encounter capital as part of a disposable workforce”.

de *commodities* de agricultura e matérias-primas” (ibidem, p. 10) uma transformação que definiria o país como exportador de carne e grãos ao longo do século XX. A paisagem pampeana argentina passa, então, a operar de acordo com a lógica do mercado global em quesitos como a modernização das formas de produção.<sup>9</sup> Assim, o campo argentino é submetido a processos econômicos e culturais que desenham uma distribuição biopolítica (De Leone, 2017) específica definida pelo desmonte de ecossistemas em nome de monoculturas de grãos e da criação de animais de corte. Isso significou, para o país, uma modernização radical do campo que “operava de acordo com a lógica do mercado global, tanto em termos de produção (com a terra se alternando entre produção de grãos e carne a depender das condições do mercado) quanto de valor de propriedades”<sup>10</sup> (Beckman, p. 11).

A partir disso, a literatura argentina dos séculos XIX e XX se volta profundamente para o campo para explorar questões agrárias ligadas, por exemplo, à formação de um ideal nacional baseado em valores gauchescos, à modernização do campo e a conflitos por posse de terras. De modo geral, o que se encontra como denominador comum nessas produções é a percepção de que o romance rural mapeou o mundo agrário como “uma instância

<sup>9</sup> Nos parece importante destacar que, marcado pela busca por modernização aliada ao desejo de manutenção das classes dominantes, o campo argentino, ao contrário de muitos países na América Latina, não passou por nenhuma reforma agrária significativa ao longo do século XX. Para mais, cf. Beckman, p. 10.

<sup>10</sup> No original: “operated according to the logic of the world market, both in terms of production (with land

definidora da história do capitalismo”<sup>11</sup> (Beckman, p. 12). A partir da metade do século XX o campo desvanece da literatura argentina para dar lugar a outras preocupações, mas, no século XXI, a crítica acadêmica tem se atentado cada vez mais para o retorno de temas rurais a ela – retorno este entendido não com uma conotação passadista, de resgate de tradições consideradas arcaicas, mas de atualização do espaço do campo como “signo de um presente alternativo, tecnologicado e globalizado”<sup>12</sup> (Saldarriaga-Gutiérrez, 2024, p. 22). O pesquisador Sebastián Saldarriaga-Gutiérrez (2024, p. 20) argumenta que essa *virada rural*<sup>13</sup> demonstra uma vontade centrípeta de autores contemporâneos, isto é, um olhar voltado para o próprio país pautado pelo entendimento de que “para ser global, não é necessário eliminar as ambientações locais” – afinal, a globalização faz-se, de diferentes formas, praticamente onipresente na América Latina.

Portanto, a codificação do campo como tropo literário em que transformações sociais e econômicas podem ser identificadas, conforme propõem autores como Williams e Beckman, se mantém na contemporaneidade na renovação dos temas caros ao novo

shifting from beef to grain production depending upon market conditions) and property values”.

<sup>11</sup> No original: “agrarian world as a defining instance in the history of capitalism”.

<sup>12</sup> No original: “signo de un presente alternativo, tecnificado y globalizado”.

<sup>13</sup> No original, “giro rural”.

romance rural<sup>14</sup>. Se, em sua configuração clássica, o campo ecoa a ode de *Beatus ille*, em sua atualização, ele revela “o processo pelo qual reduzimos não apenas seres humanos, mas também o próprio meio ambiente à ‘condição de matáveis’” (Consentino; Pereti, 2023, p. 52). Com isso, percebe-se que, “em geral, o rural não é [...] tomado na América Latina como um espaço alheio às convulsões sociais, mas como um território heterogêneo e paradoxalmente desterritorializado onde a renovação política e estética são possíveis”<sup>15</sup> (ibidem, p. 24).

Para Saldarriaga-Gutiérrez, isso significa que a típica dicotomia campo-cidade se abre para outras questões, como a conversão da serenidade do campo em um sentimento de perigo iminente devido a sua intensa exploração pelo imperativo do capital. Isso acolhe bem a inserção de *Distância de Resgate* no rol dessas novas imaginações rurais, na medida em que a narrativa retrata o campo e as imagens a ele ligadas como componentes do sistema de destruição global do capitalismo. Na narrativa, composta por uma criança perturbadora graças a uma consciência aguda dos terrores do campo e uma mãe que define em meio a uma contaminação, percebe-se que

<sup>14</sup> Na crítica acadêmica voltada para esse fenômeno, diferentes termos, como *literatura neorural*, *novo romance rural* e *neoruralismo*, são mobilizados por pesquisadores, a depender do enfoque analítico pretendido por cada um. Embora os argumentos em favor de cada termo variem, não se pretende, aqui, decidir-se por apenas um ou defender a extinção de outros, na medida em que se acredita que todos se referem, em algum nível, à *virada rural* a qual nos alinhamos aqui. Não faremos, assim, distinção entre os termos, mas buscaremos nos ater apenas ao que propõe Saldarriaga-Gutiérrez ou a mínimas variações de um

a nova literatura rural revela “a cara oculta da globalização, menos glamurosa e sedutora, mas imprescindível para cartografar o presente da América Latina e do planeta” (Saldarriaga-Gutiérrez, 2024, p. 36).

Em suma, a virada rural simboliza renovadas buscas políticas e estéticas, privilegiando aquilo que é excluído dos regimes comuns do sensível e ampliando políticas de enunciação, isto é, dando voz àquilo que é usualmente oprimido pelos grupos detentores de poder na sociedade – o fato de que o campo sucumbe sob as plantações de soja em nome das quais é preciso destruir qualquer equilíbrio ecológico. Na nova literatura rural, isso significa dar espaço para experimentações estéticas – como no caso de *Distância de Resgate*, em que a polifonia narrativa permite que diferentes perspectivas acerca do problema ecológico dos agrotóxicos dialoguem de modo a chegar *ao ponto em que nascem os vermes* – e para preocupações políticas relacionadas à possibilidade (ou não) de futuros para a humanidade. Isso significa, para Saldarriaga-Gutiérrez, que “em boa parte da literatura latino-americana recente a roda da história parece reativar sua marcha”<sup>16</sup> – o que, contudo, na obra de Schweblin não se

simples *novo romance rural*. Para mais, cf., por exemplo: De Leone, 2016; Sloodmans, Spada, 2023.

<sup>15</sup> No original: “En general, lo rural no es [...] tomado en América Latina como un espacio ajeno a las convulsiones actuales, sino como un territorio heterogéneo y paradójicamente desterritorializado donde es posible la renovación política y estética.”

<sup>16</sup> No original: “en buena parte de la literatura latinoamericana reciente la rueda de la historia parece reactivar su marcha”.

resolve, necessariamente, em favor de futuros otimistas na iminência do colapso ambiental, tendo em vista que, ao final, a protagonista percebe que “a terra que pisam [...], desde o caminho da entrada até o riacho, está seca e dura” (Schweblin, 2024, p. 90). Na última frase da narrativa, Amanda sente “a praga imóvel prestes a se irritar” (ibidem, p. 92) – é a história invisível do desastre já em curso.

## 2 O Antropoceno e os agrotóxicos

De acordo com o teórico Greg Garrard (2012, p. 6), para compreender a crise ecológica em que nos encontramos hoje, no que soa de forma cada vez mais aguda como o ápice do Antropoceno, movimentos de análise a partir de representações literárias do ser humano e da natureza são muito relevantes. Nesse viés, o tropo pastoral pode ser lido como metáfora das formas como a sociedade imagina, constrói ou apresenta a natureza – e, como não pode deixar de ser, da forma como nos relacionamos com ela a partir do marco do capitalismo.

<sup>17</sup> Em março de 2024, diferentes jornais no Brasil e no mundo noticiaram que o congresso da União Internacional de Ciências Geológicas decidiu, por maioria de votos, que a humanidade não havia entrado oficialmente na era geológica do Antropoceno, conforme proposto pelo Grupo de Trabalho do Antropoceno (AWG). A votação não exclui a possibilidade de que já tenha havido uma transição da última era geológica oficialmente reconhecida, o Holoceno, mas aponta, em sua maioria, para a necessidade de que a definição do Antropoceno e de seus marcos seja estudada com mais profundidade e com mais dados científicos. Para mais, cf. Zhong, 2024.

<sup>18</sup> Com o intuito de evitar a generalização do termo para toda a espécie humana, ignorando o papel que grupos

Hoje, nossas angústias diante do contexto do Antropoceno, marcado pela emergência climática, explicam o aparecimento de cada vez mais obras artísticas que tematizam os efeitos da ação humana violenta sobre o meio ambiente. O conceito de Antropoceno, embora ainda esteja em discussão na comunidade científica<sup>17</sup> e possa ser problematizado, por exemplo, a partir do questionamento de qual é o *antropos* a que de fato deve se referir<sup>18</sup>, é

usado por parte da comunidade científica para indicar o período geológico mais recente do planeta, época ainda não datada oficialmente, mas estabelecida, ou aprofundada, no rastro da Revolução Industrial, quando as atividades humanas começam a impactar e deteriorar ecossistemas e clima em toda a Terra (Secches, 2022, p. 76).

Independentemente do ponto de vista conceitual adotado ou do marco inicial escolhido para se referir ao contexto do Antropoceno, contudo, o que importa dessa definição aqui é a ideia de um momento histórico sem precedentes definido não por

específicos relacionados ao poder de capital têm em relação ao surgimento de problemas como a crise climática, autores de diferentes áreas de estudos propõem outros conceitos que tematizam o momento de crise que vivemos dando ênfase a diferentes aspectos: Jason Moore propõe o termo “capitaloceno”; Anna Tsing propõe “plantationceno”; Donna Haraway propõe “chthuloceno”. Independentemente do foco de análise escolhido, importa ter em mente que todos esses conceitos se comunicam com a preocupação comum de tentar entender os efeitos catastróficos da ação humana sobre o planeta e tudo que nele está envolvido. Para mais sobre cada termo citado, cf. Haraway, 2016.

eventos geológicos extremos, mas a partir de mudanças exclusivamente antropogênicas.<sup>19</sup>

Nos fundamentais ensaios de *Há mundo por vir?* (2017, p. 18), Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro identificam, no contexto do Antropoceno, uma “vertiginosa sensação de incompatibilidade – senão de impossibilidade – entre o humano e o mundo”, o que leva, frequentemente, a um pânico perplexo diante da sensação da *ausência de um futuro*. Nesse sentido, os anseios de renovação que marcam os apocalipses religiosos parecem impotentes frente à catástrofe climática, na medida em que remete a medos de dizimação total da espécie humana – a qual, separada ontologicamente de outros seres vivos pelo excepcionalismo da filosofia moderna, está sempre no centro dos temores escatológicos – inaugurados pela era atômica no século XX, sem possibilidade de um mundo regenerado. Nesse sentido, “esse futuro-que-acabou chegou, assim, novamente – o que sugere que ele talvez nunca tenha cessado de já ter começado” (Danowski; Viveiros de Castro, 2017, p. 18) desde que, pela primeira vez na razão ocidental, a humanidade passou a temer sua extinção pelas próprias mãos.

Presume-se, então, que a crise climática e sua aceleração crescente – a qual teima em

superar constantemente até mesmo os cálculos mais pessimistas com relação a fatores como a elevação da temperatura média global e a do nível dos oceanos – implicam uma perda completa de valores de referência para o ser humano, que já não consegue localizar-se com clareza no futuro do planeta. Há, simultaneamente, uma experiência de corrosão feroz do tempo (o fim) e do espaço (o mundo) (ibidem, p. 34) – no Antropoceno, deixa de ser possível distinguir a escala geológica do planeta da história humana, com o homem-como-espécie convertido em força geológica. Isso leva à violenta “conclusão de que a humanidade ela própria é uma catástrofe, um evento súbito e devastador na história do planeta” (ibidem, p. 31).

Aplicado às diferentes áreas de pesquisa das humanidades, o conceito de Antropoceno, como categoria crítica, tem a utilidade interdisciplinar de registrar, em diferentes frentes de análise, o impacto da ação humana sobre o meio ambiente. No campo dos estudos literários ecocríticos, por exemplo, Brugioni e Melo (2022) afirmam que o olhar voltado para esse contexto auxilia na compreensão das complexas relações entre humanidade, cultura e meio ambiente, renovando paradigmas críticos na iminência do colapso ambiental. O conceito é caro à ecocrítica precisamente por

---

<sup>19</sup> Importa destacar que para pensadores como Ailton Krenak (2019, p. 23), aliados a lógicas que desafiam a visão científica ocidental, os desastres que grupos seletos hoje chamam de Antropoceno já acontece, com diferentes povos considerados minorias sociais, há séculos, no rastro da invasão do continente americano pelos europeus a partir do século XVI. Embora pensar a partir desse marco tenha imensa relevância para

desafiar ideias eurocêtricas consolidadas pela academia, o foco deste trabalho recairá, como ficará evidente, sobre os impactos da ação humana a partir da primeira Revolução Industrial, no século XIX, e de seus desdobramentos associados à universalização do capitalismo ao redor do mundo; por isso, o enfoque proposto por Krenak não será aprofundado aqui.

ela ser definida como o “estudo da relação entre literatura e o ambiente físico. [...] A ecocrítica adota uma postura centrada na Terra para os estudos literários”<sup>20</sup> (Glofelty, 1996 apud Garrard, 2012, p. 3). Pode-se argumentar, assim, que investigações nessa área influenciam a revisão do impacto da ação humana sobre o planeta a partir da literatura, tendo em vista que a ecocrítica pode “ajudar a definir, explorar e até resolver problemas ecológicos em um sentido mais amplo”<sup>21</sup> (Garrard, 2012, p. 6). Isso representa uma ferramenta de análise útil para compreender as perturbações vividas no contexto do Antropoceno.

Considera-se útil, portanto, propor uma leitura em alguma medida apocalíptica de *Distância de Resgate* uma vez que percepções sobre esse novo-ainda-que-antigo fim do mundo permeiam os tempos do Antropoceno – há “muitos imaginários do fim do mundo que ainda (sabe-se lá por quanto tempo) povoam nosso mundo” (Danowski; Viveiros de Castro, 2017, p. 90). Mediada tradicionalmente por símbolos, profetas e catástrofes, essa tradição literária, mesmo em textos descolados dos contextos religiosos em que surgiu, responde a certas cartografias. Para Bernard McGinn (1994), descrever literaturas preocupadas de alguma forma com o apocalipse significa determinar como a retórica apocalíptica foi

construída a partir de coordenadas específicas. Se o “apocalipse é um gênero de literatura reveladora com uma estrutura narrativa na qual a revelação é mediada por um ser sobrenatural para um recipiente humano”<sup>22</sup> (Semeia apud McGinn, 1994, p. 4), chegar ao cerne dessa forma literária pode exigir a compreensão de como essa mediação é feita. McGinn propõe, para esse fim, a análise de *quem revela o quê e a quem, como isso é feito, sob quais circunstâncias e para que propósito*. No caso de *Distância de Resgate*, David atua como uma presença de outro mundo, pois envolve em uma aura sobrenatural que se esforça para mostrar a sua interlocutora os detalhes de sua intoxicação. Assim, *David revela a Amanda “o ponto exato em que nascem os vermes” em um diálogo progressivamente informativo, no contexto de sua internação por ingestão de agrotóxicos, para que ela entenda onde começaram os fins do mundo que a abalam* – tanto o individual, simbolizado pelo rompimento definitivo da distância de resgate que a liga a Nina, quanto o coletivo, representativo das milhares de pessoas envenenadas pelo mesmo motivo no campo argentino. A pluralidade das perdas em Schweblin apenas ressalta a generalização do fim: a história não se restringe à gestão de um luto pessoal, mas de tantos lutos vividos e esperados no sistema em que vivemos.

<sup>20</sup> No original: “ecocriticism is the study of the relationship between literature and the physical environment. [...] Ecocriticism takes an earth-centered approach to literary studies.”

<sup>21</sup> No original: “it can help to define, explore and even resolve ecological problems in this wider sense”.

<sup>22</sup> No original: “Apocalypse’ is a genre of revelatory literature with a narrative framework, in which a revelation is mediated by an otherworldly being to a human recipient”.

Na cena inaugural de *Distância de Resgate* (2024, p. 4), a insistência na palavra *vermes*<sup>23</sup> retumba como um sinal de alerta: “é preciso encontrar o ponto exato em que nascem os vermes”<sup>24</sup> porque “é muito importante para todos” que isso seja feito; “são como vermes [...] em todos os lugares”; há “vermes no corpo”. Com isso, percebe-se a necessidade, logo de início, de que o leitor adote uma postura atenta, na medida em que deve buscar, junto dos protagonistas-narradores Amanda e David, o momento-chave em que ela e sua filha, Nina, foram contaminadas pelos vermes que se arrastam sob suas peles – estes que não são em momento algum nomeados, mas que assumem claramente os contornos dos campos de soja argentinos banhados de glifosato; de “inseticidas, fungicidas, herbicidas e uns tantos outros ‘cidas’ que podem ser rastreados não apenas na comida, mas também em nossos próprios corpos”<sup>25</sup> (Sández, 2016, p. 14).

Quando a narrativa tem início, Amanda e Nina já foram contaminadas, e David tenta guiar sua interlocutora para que ela descubra, precisamente, em que momento de suas férias no campo a tragédia aconteceu. Os detalhes do diálogo entre os dois personagens são

<sup>23</sup> No original, em espanhol, a palavra “*gusanos*” tem a mesma conotação ampla de “vermes”, uma classificação informal para descrever animais invertebrados e rastejantes, sem membros e sem olhos e, por vezes, de hábitos parasitários. Metaforicamente, é evidente, a palavra assume um leque de significados, geralmente relacionados a seres asquerosos e invasivos.

<sup>24</sup> Em *Distância de Resgate* (2024), Schwebelin optou por utilizar diferenças de tipografia para marcar a fala dos dois personagens principais, ao invés de travessões: as falas de David aparecem sempre em itálico, enquanto as de Amanda não recebem destaques tipográficos. Os

revelados gradualmente, mantendo o leitor sempre no escuro, junto a Amanda, enquanto acompanha seu ritmo de compreensão dos fatos que levaram ao seu adoecimento. De certo modo, a narrativa, como a mente confusa de Amanda, que vagueia em um *fever dream*<sup>26</sup>, é carcomida pelos vermes. A presença generalizada dos agrotóxicos no campo contamina também o texto a partir dos lapsos de memória da protagonista, tornando-o lacunar – assim o coloca também Lucía de Leone (2017, p. 70), para quem o relato é “esburacado (como roído por vermes) por reflexões e lembranças da moribunda”<sup>27</sup>. Então, o par contaminação-adoecimento atua como elemento estruturante da narrativa, uma vez que se apodera de seu ritmo e de sua organização temporal. Essa escolha insere o leitor em um estado de perturbação semelhante ao que Amanda enfrenta e, guiado por um David lúcido que já intui o destino dos acontecimentos, descobre no mesmo ritmo de Amanda como chegar *ao ponto exato em que nascem os vermes*.

A partir disso, cabe nos determos brevemente nas ferramentas narrativas mobilizadas por Schwebelin – mais

trechos do livro citados neste trabalho seguirão a mesma diferenciação.

<sup>25</sup> No original: “insecticidas, funguicidas, herbicidas y unos cuantos ‘cidas’ más que no solo se pueden rastrear en la comida, sino también en nuestros propios cuerpos”.

<sup>26</sup> Título da tradução para o inglês de *Distância de Resgate*.

<sup>27</sup> No original: “agujerado (como roído por gusanos) por reflexiones y remembranzas de la moribunda”.

especificamente, as que giram em torno de David, o mensageiro do apocalipse que atinge o campo argentino. A vagueza é parte estruturante do discurso e da postura de David, o que contribui para que ele próprio seja percebido como uma presença fantasmagórica. O modo como se comunica com Amanda, obcecado pelos vermes e pelo que deve revelar a ela, causa um incômodo que, mesmo quando não explicitado na fala da narradora, acompanha o leitor em toda a extensão do relato: “Isso não é normal, David. Está tudo escuro, e você me fala ao pé do ouvido. *Eu nem sei se isso está acontecendo de verdade*” (ibidem, p. 26, grifos adicionados). Aliada às acusações de Carla acerca da monstruosidade e da estranheza de seu filho, esse tipo de descrição contribui para que ele seja envolto em uma aura perturbadora. Assim “como o campo em que crescia, também a criança se converteu em monstro, [...] nutrido pela seiva peçonhenta dos agrotóxicos” (Consentino; Pereti, 2023, p. 49).

A figura de Carla contribui para que David seja envolto em uma aura dúbia, como quando ela descreve um costume seu que considera sombrio: o de enterrar animais mortos no jardim de sua casa; trata-se de animais da zona rural de diferentes espécies – patos, pássaros, cachorros – que, surgindo cambaleantes das plantações de soja e milho que circundam o vilarejo, desfalecem, intoxicados, com frequência no quintal do protagonista. A razão para isso que isso tenha acontecido mais de uma vez – mais especificamente, vinte e oito – causa deslizamentos entre os mundos real e

sobrenatural, uma vez que, para Carla, seu filho age como uma força maligna que atrai os animais moribundos e os mata apenas com sua presença; o ato de uma criança enterrá-los no quintal é lido com medo profundo pela mãe: “Vi tudo da janela, Amanda, um buraco ao lado do outro, e fiquei em pé aquele tempo todo com uma panela lavada pela metade na mão. Não tive forças para sair” (Schweblin, 2024, p. 55). Contudo, a narradora traz para o conhecimento do leitor o detalhe de que David chorava enquanto enterrava cada um dos animais, revelando algum nível de sensibilidade que não vem à tona no discurso de Carla. Isso é reforçado quando David afirma que “*eu os enterrei, enterrar não é matar*” (ibidem). Nesse sentido, as atitudes de David consideradas perturbadoras poderiam ser interpretadas, para além da chave monstruosa com a qual sua mãe se torna obcecada, como resultado direto da compreensão profunda que surge de sua intoxicação: por reconhecer o grau de contaminação a que estão submetidos também outros seres vivos, espera que padeçam para que possa dar-lhes um destino digno debaixo da terra.

A antropóloga Anna Tsing (2022) descreve a proliferação do que denomina “criaturas ferias” nas ruínas do capitalismo, isto é, reações não projetadas de não-humanos às infraestruturas humanas com efeitos perigosos não previstos pelas estruturas industriais e imperialistas. Assim, pode-se dizer que os colapsos do Antropoceno, esse tempo de “coisas estranhas e surpreendentes”, nas palavras de Tsing (2022, p. 60), criam paisagens e figuras imprevistas que, na

narrativa de Schweblin, se materializam de formas perturbadoras para “nos dizer alguma coisa” (Consentino; Pereti, 2023, p. 50) sobre o mundo em que vivemos hoje. Em sentido semelhante, Oscar Pérez (2020, p. 150) argumenta que David seria a materialização de *reações inesperadas* da interação entre químicos e corpos vivos. Assim, essas criaturas que irrompem nas frestas do capitalismo, como David e outras crianças contaminadas que se comportam de forma fantasmagórica às margens do vilarejo, representam justamente aquilo que não conseguimos racionalmente apreender: são a figuração do absurdo de um mundo completamente fumigado que *Distância de Resgate* tenta registrar, o que cria uma aura insólita no relato.

Para pesquisadores como Pablo Virguetti<sup>28</sup> (2023) e Lucía de Leone (2017), mais do que enquadrar a narrativa de Schweblin nas formalidades do gênero fantástico – por excelência, o lar do insólito –, interessa pensar acerca da fluidez do relato por entre diferentes gêneros baseados no estranhamento, na perturbação e na incerteza, considerando-o uma “busca formal que faz uso de elementos não realistas (em um arco impreciso do estranho ao fantástico, e do fantástico ao terror) que fragmenta o espaço textual”<sup>29</sup> (De Leone, 2017, p. 66). O texto seria um espaço de experimentação literária em diferentes níveis, mais comprometido com

<sup>28</sup> O artigo de Virguetti aqui mencionado foi publicado em uma revista francesa que não oferecia a possibilidade de acesso para internautas brasileiros. O autor gentilmente me enviou seu artigo, sem qualquer cobrança, após eu solicitá-lo por e-mail e, por isso, deixo esta nota em agradecimento.

seus próprios procedimentos para criar um “regime de desconhecimento” (Virguetti, 2023).

Portanto, a vagueza do discurso de David; a ambiguidade das falas de sua mãe, Carla, acerca de sua monstruosidade; e as dúvidas de Amanda acerca do que se configura como realidade são formas de tentar “significar o insignificável” (Roas, 2013, p. 55), já que os desconfortos causados pelo efeito perturbador do fantástico – ou dos gêneros próximos a ele – buscam justamente subverter a realidade, radicalizando as certezas do leitor sobre ela. Desse modo, o terreno do fantástico – e, como querem Virguetti (2023) e De Leone (2017), dos gêneros e das percepções próximos a ele, como o terror e o estranho – é profícuo para lidar com temas geralmente relegados à marginalidade, uma vez que, ao comprometer os códigos pelos quais o leitor rege seu mundo, deixa entrever o que está obscurecido pela sociedade para criar entre as pessoas um falso senso de segurança. Ora, no contexto do Antropoceno, muito embora a grande mídia e as redes sociais sejam cada vez mais tomadas de imagens e discussões perturbadoras sempre que um desastre natural acontece, a realidade palpável do colapso ambiental parece ainda estar adormecida.

Diante disso, os procedimentos literários de *Distância de Resgate*, quer insiram a

<sup>29</sup> No original: “una búsqueda formal que hace uso de elementos no realistas (en un arco impreciso del extraño al fantástico, y del fantástico al terror), que fragmenta el espacio textual”.

narrativa no pantanoso terreno do fantástico ou nos gêneros que dele se avizinham, parecem agir justamente no sentido de desestabilizar os códigos de realidade do leitor relacionados à questão ambiental. Elementos supostamente sobrenaturais – como David e sua aura fantasmagórica-profética, os vermes, as crianças com feições monstruosas que vagam pela madrugada, a persistência dos vermes, os animais que se encaminham para David em seus últimos suspiros, e mais uma vez os vermes – se coadunam à dura realidade de mães e pais que não sabem o que fazer com seus filhos envenenados; da soja que toma toda a paisagem; de uma mulher que, em sua fama de curandeira mística, nada mais busca do que salvar as vidas que o precário hospital da vilarejo não pode ou não quer tratar. Assim, o fantástico de Schweblin seria uma forma de lidar com uma realidade pensada como impossível porque parte dela é anuviada por uma dificuldade social em perceber riscos – afinal, os jornais, os posts e as newsletters incessantes sobre esses mesmos riscos talvez mais paralisem do que chamem à ação. No mesmo sentido, Consentino e Pereti (2023, p. 38) se perguntam: “como descrever esse ‘mundo espectral de crueldade e profanidade intensos’ [...] sem recorrer ao absurdo, ao hiperbólico?”.

Para Virguetti (2023, p. 7), a narrativa demonstra que “o real é apenas uma economia das possíveis dimensões ocultas, que

---

<sup>30</sup> No original: “Lo real es solo una economía de las posibles dimensiones ocultas, que establece una relación paranoica entre el individuo y su entorno”; “la paradoja entre, por un lado, creer ver un entorno y una naturaleza que presentan una armonía y, por otro lado,

estabelece uma dimensão paranoica entre o indivíduo e seu entorno”, fazendo com que a narrativa represente adequadamente problemáticas ecológicas: o paradoxo entre, por um lado, a crença em um entorno e uma natureza que apresentam harmonia e, por outro lado, a descoberta dos diferentes tipos de contaminação que são invisíveis, as mudanças graduais dos ecossistemas que não podem ser medidas sem estudos específicos, o aquecimento global, etc.<sup>30</sup>

O verde da soja, portanto, não tem a “conotação positiva e vital” (Brandi, 2019, p. 110) ou o tom primaveril da literatura pastoral tradicional, mas simboliza uma força monstruosa – monstro este que, em seu excesso de força, “sempre vem para nos dizer alguma coisa” (Consentino; Pereti, 2019, p. 50). Trata-se de um verde pernicioso, cuja opulência burla até mesmo a mais atenta distância de resgate. É algo venenoso que, misturado ao avermelhado do solo exposto, faz com que o mais importante pareça escapar ao olhar: o fato de que, mais além da soja “verde e brilhante sob as nuvens escuras”, “a terra que pisam [...], desde o caminho da entrada até o riacho, está seca e dura” (Schweblin, 2024, p. 90).

### 3 Considerações finais

A concepção de que “na base do pastoral está a ideia da natureza como um contraponto

descubrir los diferentes tipos de contaminación que son invisibles, los cambios graduales de los ecosistemas que no pueden medirse sin estudios específicos, el calentamiento global, etc.”

estável e duradouro à energia disruptiva das sociedades humanas”<sup>31</sup> (Garrard, 2012, p. 63) ajuda a criar, para Greg Garrard, problemas relativos à forma como percebemos o mundo natural para além das fronteiras urbanas. O movimento de pensar-retratar a natureza como um mecanismo automaticamente equilibrado na ausência da presença humana – além de apagar milênios de interferências recíprocas entre espécies humanas e não-humanas em sincronia com a capacidade regenerativa do planeta – cristaliza uma imagem da natureza – e, em nosso recorte, do campo – como um organismo capaz de se autorregular mesmo no contexto das destruições ambientais sem precedentes que vivemos hoje.

Com isso, fica clara a relevância de obras e análises literárias que revisitem o cenário campestre em seu potencial de dialogar com problemas que surgem, justamente, a partir da presença humana nociva nesse espaço. Os pampas argentinos, nessa ótica, assumem mais do que o papel frequentemente atribuído a eles de evocar ideias consideradas nacionalistas e arcaicas, o que justifica a proposta de Beckman (p. 14) de “mudar nosso olhar da aura pastoral e nostálgica na qual trabalhos [de crítica literária] são frequentemente envelopados para as transições desiguais e tumultuosas

<sup>31</sup> No original: “At the root of pastoral is the idea of nature as stable, enduring counterpoint to the disruptive energy and change of human societies”.

<sup>32</sup> No original: “shift our gaze from the pastoral, nostalgia-glazed haze in which works are often enveloped to the uneven and tumultuous transitions enveloping agriculture over the better course of the century”.

evolvendo a agricultura ao longo da maior parte do século [XX]”<sup>32</sup> – e, para nossos interesses, também do século XXI.

A partir disso, o que se percebe nas novas imaginações rurais é a valorização de representações estéticas e temáticas que colocam em questão “a ordem consensuada” e buscam “reconfigurar o sensível”<sup>33</sup> (Saldarriaga-Gutiérrez, 2024, p. 40). De Leone (2016, p. 187) também argumenta que “as novas regras do campo desestabilizam a ordem instituída”<sup>34</sup>, isto é, tanto a marcha irrestrita do progresso na esteira de um capitalismo avançado que dá lugar a um espaço rural sombrio, quanto as representações tradicionais do pastoral que inserem na sombra de suas idealizações os problemas criados nesse espaço.

Em suma, a virada rural na América Latina – e, para os propósitos deste trabalho, especificamente na Argentina – é “um sintoma da conexão dessa literatura com sua época”<sup>35</sup> (ibidem, p. 197), o que significa que o espaço campestre e os temas usualmente ligados a ele são atualizados por autores contemporâneos para abarcar questões que convulsionam nosso presente. Nessas atualizações, “o campo, em outros tempos, sinônimo de paz, saúde e harmonia com a natureza, se converte em um

<sup>33</sup> No original: “el orden consensuado y se busque reconfigurar lo sensible”.

<sup>34</sup> No original: “las nuevas reglas del campo desestabilizan el orden estatuido”.

<sup>35</sup> No original: “un sintoma de conexión de esta literatura com su época”.

inescapável espaço de terror, gigantesco, linear, homogêneo” (Consentino; Pereti, 2023, p. 38). Em *Distância de Resgate*, essas questões se relacionam claramente ao monocultivo da soja e sua inserção no mercado global de *commodities*, o que traz consequências frequentemente catastróficas a seres humanos, a suas relações interpessoais e a seus entornos. Desse modo, embora tenha permanecido aparentemente adormecida durante algumas décadas, a literatura rural ganha renovada relevância estética e política, o que justifica que, como se tentou fazer neste artigo, se procure compreender as intersecções entre capitalismo, colapso ambiental e literatura.

## Referências

- BECKMAN, E. *Agrarian questions: the Latin American novel on the road to capitalism*. No prelo.
- CERON, L. C. *Um mundo perturbador e violento: uma leitura dos contos de Samanta Schweblin*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. 99 f.
- CONSENTINO, G; PERETI, E. Os campos e os corpos: postopias de *Beatus Ille* em Samanta Schweblin e Pablo Piovano. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 33, n. 1, p. 33-55, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/40253>. Acesso em: 23 mai. 2023.
- DE LEONE, L. Campos que matan. Espacios, tiempos y narración en *Distancia de rescate* de Samanta Schweblin. *452ºF*, n. 16, p. 62-76, 2017. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/452f/article/view/16250>. Acesso em: 17 set. 2022.
- FERNANDES, B. M. Questão agrária na América Latina. In: JINKINGS, I.; SADER, E. (Coord.). *Latinoamericana: Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2006. Disponível em: [https://www2.fct.unesp.br/grupos/nera/uso\\_restrito/QA\\_America\\_Latina.pdf](https://www2.fct.unesp.br/grupos/nera/uso_restrito/QA_America_Latina.pdf). Acesso em: 16 ago. 2024.
- GARRARD, G. *Ecocriticism*. Nova York: Routledge, 2012.
- HARAWAY et al. Anthropologists are talking about the Anthropocene. *Ethnos*, n. 81, v. 3, p. 535-564, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00141844.2015.1105838>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- MOSSE, L. La desmitificación del interior en la literatura argentina contemporánea: reflexiones en torno a lo rural desde la intersección entre género y clase. *Prácticas de oficio*: v.1, n. 24, p. 31-44, 2020. Disponível em: <http://revistas.ungs.edu.ar/index.php/po/issue/view/po24>. Acesso em: 5 mai. 2023.
- PÉREZ, O. Toxic Chemicals in Samanta Schweblin's *Distancia de Rescate* (Fever Dream). *Ecozona*, v. 10, n. 2, p. 148-161, 2019. Disponível em: <https://ecozona.eu/article/view/2920>. Acesso em: 12 nov. 2020.

ROAS, D. *A ameaça do fantástico*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SALDARRIAGA-GUTIÉRREZ, S. El *giro rural* en la literatura latinoamericana del siglo XXI: definición y líneas maestras. *Letral*, n. 33, 2024, p. 17-44. Disponível em: <https://doi.org/10.30827/rl.v0i33.26292>. Acesso em: 3 mai. 2024.

SCHWEBLIN, S. *Distância de resgate*. São Paulo: Fósforo, 2024.

VIRGUETTI, P. Ecoterror y desconocimiento: dobles y actos fallidos en *Distancia de rescate* de Samanta Schweblin. *Amerika*, n. 26, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/amerika.18676>. Acesso em: 16 abr. 2024.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.